COLI, Jorge. Carlos Gomes: o que o dr. não viu por causa do seu mau humor... O Estado de São Paulo, São Paulo, 30 jul. 1986.

Carlos Gomes: o que o dr. não viu por causa do seu mau humor...

Sr.: "Por razões diversas, tomo conhecimento com atraso da carta enviada pelo dr. José da Veiga Oliveira ao **Jornal da Tarde**, a respeito de meu estudo sobre Carlos Gomes, publicado no dia 12 deste mês, no **Caderno de Leituras**. Devo dizer que não tenho o texto do dr. da Veiga Oliveira entre as mãos: encontrando-me ausente de São Paulo, ele foi-me lido por pessoa amiga ao telefone. Ainda assim, tento responder.

Retomo de início uma questão secundária para ficarmos livres dela: minha afirmação de que as óperas de Carlos Gomes são dadas com regularidade nos principais teatros do Brasil. É claro que, para qualquer amador da música de Carlos Gomes — como eu sou, e como meu crítico parece ser —, as representações de suas obras em nosso país são insuficientes. Mas elas nunca desapareceram das temporadas de São Paulo e Rio. Sem buscar sistematicamente, e fazendo apelo apenas à memória, lembro as produções de **Salvator Rosa, Maria Tudor, Lo Schiavo, Fosca** no Municipal de São Paulo no fim dos anos 70, para não insistir sobre as brilhantes interpretações dos anos 50 e 60, quando sobressaía uma plêiade de grandes cantores brasileiros capazes de encarnar os principais papéis do compositor campineiro.

O que me interessa é que Carlos Gomes está presente em nossos teatros de ópera (talvez insuficientemente, mas muito mais do que Wagner, ou Mozart, por exemplo!) e desapareceu por completo do repertório internacional. Este é o ponto importante para minha análise, que o dr. da Veiga Oliveira não percebeu e lhe provocou gargalhada.

Algumas observações também são feitas a respeito dos elementos de brasilidade em Carlos Gomes que eu levanto, e que são vistos do alto pelo dr. da Veiga Oliveira. Ele afirma que se trata de uma 'parafernália' extramusical e anedótica. Devo confessar que tal 'parafernália' muito me seduziu; particularmente a 'carta culinária' considerada com tanto desprezo por meu crítico (carta, diga-se de passagem, publicada pela primeira vez em fac-símile por Luiz Heitor Correa de Azevedo, uma das autoridades que o dr. da Veiga invoca em seu texto).

Em primeiro lugar, desde pelo menos Lévi-Strauss que a cozinha, enquanto manifestação cultural, não deveria ser considerada com tanto desdém. Em segundo, o bilhete de Carlos Gomes tem um humor irresistível: eu não quis privar o leitor desse prazer e por isso o transcrevi integralmente. Pena que essa qualidade — o humor — esteja ausente do dr. da Veiga Oliveira, ou que ela se manifeste apenas em gargalhadas sardônicas fora de lugar.

Mas enfim, além desse prazer, a idéia de que Carlos Gomes permaneceu **visceralmente** ligado ao Brasil era, para minha demonstração, um ponto essencial. É preciso discutir o problema de uma cultura nacional não apenas a partir de uma perspectiva ou de um programa formais, mas trazendo à tona todos os elementos implicados nessa questão. Houve um abandono, da parte de Carlos Gomes, de sua cultura de origem? Se ela não inspirou formalmente o exotismo — ao mesmo tempo da imagem de si que o compositor veiculava na Europa e dos temas escolhidos para suas óperas — não lhe serviu como caminho do sucesso internacional? Quais os elementos que permitem compreender a adoção tão forte de sua música por nossa cultura? Essas questões, e algumas outras, parecem-me importantes — e mesmo para a compreensão da posteridade do nacionalismo musical brasileiro no século XX. Creio que Carlos Gomes é admirável por sua música, mas também fascinante pela complexidade cultural implicada na sua trajetória de homem e artista.

Não continuo a insistir. Se o dr. da Veiga Oliveira não percebeu o caminho que tomei em meu estudo, não é agora, com poucas linhas, que conseguirei fazê-lo entender.

Restam as duas obras de que sou acusado não me referir: as de Luiz Heitor Correa de Oliveira e Vasco Mariz. Conheço-as perfeitamente — se não as citei foi porque as excelentes análises propostas pelos autores fugiam às questões que eu pretendia abordar. Aproveito — e nisso agradeço ao dr. da Veiga Oliveira — para expressar aqui publicamente minha admiração e meu afeto pessoal a esses dois grandes musicólogos. E, por justamente falarmos em meu amigo Vasco Mariz, gostaria de remeter o dr. da Veiga Oliveira ao estudo que ele consagrou a Mário de Andrade em **Três musicólogos brasileiros, Civilização Brasileira**, 1983 — particularmente pgs. 47 e 48. Nele, o embaixador e acadêmico deixa-me honrado retomando algumas análises minhas e tecendo comentários sobre meu trabalho, com exagerada indulgência, é bem verdade. Se me refiro a isto, é para lembrar ao dr. José da Veiga Oliveira que justamente uma das autoridades que ele invoca, acusando-me de desconhecê-la, se exprime de modo diverso do seu, a respeito dos meus artigos." **Jorge Coli, Capital.**

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP
CMUHE002076